IX Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade
V Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade
V Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade

ATRAVESSAMENTOS DE GÊNERO NA CONSTRUÇÃO DAS IDENTIDADES LÉSBICAS: LADIES, BOFES E OUTRAS POSSIBILIDADES...

EIXO 46 - A POTENCIALIDADE TRANSFORMADORA DE CORPOS E EXPERIÊNCIAS LÉSBI: DO APAGAMENTO À VISIBILIDADE / AXIS 46 - THE TRANSFORMATIVE POTENTIAL OF LESBIAN BODIES AND EXPERIENCES: FROM ERASURE TO VISIBILITY (PRESENCIAL)

Maria Cristina Nascimento de Souza[1]

Marcos Lopes de Souza[2]

RESUMO: Neste artigo, analisaremos os atravessamentos de gênero na construção identitária de um grupo de lésbicas do interior baiano. Como ferramenta metodológica, trabalhamos com o grupo focal, constituído de três encontros com oito lésbicas com idades entre 23 a 30 anos, negras e brancas. As lésbicas participantes do trabalho se identificavam de diferentes formas. Algumas se viam como bofes, com performances mais masculinizadas, outras como ladies e, portanto, mais femininas e também aquelas que transitavam ou se identificavam no "entre" lugar. As lésbicas bofes são mais estigmatizadas do que as ladies, por assumirem comportamentos masculinos e, portanto, sofrem mais lesbofobia, nas diferentes instâncias sociais, inclusive da família, como foi relatado por algumas das participantes da investigação.

Palavras-chave: Lésbicas, Construções de Gênero, Binarismo.

1. INTRODUÇÃO

> "Eu não quero vestido, mainha!" Eu dava as bonecas 'pra' minha irmã, eu cortava o cabelo das 'bonecas' todo. Eu gostava de bola, skate. (DANIELA, 21 anos, lésbica, negra, professora de capoeira).

A lesbianidade rompe com o pensamento androcêntrico, visto que desatrela a centralidade social no homem, oferecendo outras possibilidades de sexualidade para as mulheres. A lesbianidade é uma ruptura com os conceitos cristalizados de uma "sociedade

[1] Graduada em Psicologia, Mestra em Relações Étnicas e Conteporaneidade da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB, crisnascimentopsi22@gmail.com;
[2]Pós-doutor. Professor Pleno do Departamento de Ciências Biológicas da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB, campus de Jequié-BA, markuslopessouza@gmail.com.

hétero" e consequentemente, com a heterossexualidade compulsória para as mulheres (Rich, 2010).

Em decorrência da discriminação fundamentada no gênero, as lésbicas convivem com a vitimização e a violência no campo privado. Esse tipo de violência trata-se de agressão física e sexual que se reflete no campo emocional e psicológico.

A heterossexualidade ainda é considerada instituição política para dominar e regular as sexualidades, negando outras possibilidades, como a lesbianidade (Turcotte, 2006). De alguma forma, algumas lésbicas questionam as representações e produções culturalmente construídas como femininas. Por questionar o paradigma da sociedade heterocentrada, a lesbianidade ainda sofre inúmeras sanções.

Além das nomeações para as identidades lésbicas, já conhecidas e analisadas em outras pesquisas, como sapatão, caminhoneira e *lesbian chic*, nesta pesquisa apareceram outras como lady e bofe e, portanto, categorias êmicas (Soares, 2016), as quais serão discutidas nas análises deste texto.

2. CAMINHO METODOLÓGICO

Com o intuito de conhecer as histórias de um grupo de lésbicas, percorremos espaços periféricos e marginalizados. Recorremos à Dagmar Meyer e Rosângela Soares para demonstrar nossa posição investigativa pós-crítica. Portanto,

> [...] no âmbito acadêmico, pensamos, falamos e escrevemos a partir de determinados 'lugares'; indica, também, que estes lugares são móveis e instáveis, uma vez que se delineiam pela tessitura entre referenciais teóricos e interesses políticos, exigências acadêmicas e emoções. (MEYER; SOARES, 2005, p. 30).

Assim, buscamos compreender os (des)/(re)arranjos das histórias vivenciadas por um grupo de lésbicas. Como ferramenta metodológica, utilizamos o grupo focal. Enquanto psicóloga, a primeira autora do trabalho tinha algumas vivências prévias com grupos focais por meio de trabalhos em grupo realizados com mães e com pessoas da terceira idade, ambos em Jequié.

Como relatado por Solange Abrocesi Lervolino e Maria Cecilia Focesi Pelicioni (2001, p. 116), o grupo focal "consiste na interação entre participantes e o pesquisador, que objetiva

colher dados a partir da discussão focada em tópicos específicos e diretivos". Investimos no grupo focal como espaço de captura dos relatos empíricos vivenciados pelas sujeitas participantes e discursos de saber e poder que lhes são atravessadas (SOUZA; SOUZA, 2023).

Diante dessa escolha, o próximo passo foi nos aproximarmos das lésbicas. Para entrar em contato, buscamos vários caminhos. Contei com muita ajuda, do meu orientador e ativistas. Busquei contato com algumas mulheres que se autoatribuíam lésbicas, acima de 18 anos e com o propósito em estabelecer um grau de confiabilidade e empatia com as convidadas.

Conhecemos oito mulheres que partilharam de algumas situações comuns, mas que também vivenciaram outras de maneira particular. Pude ouvi-las e, em cada narrativa, percebia seus desconfortos e seus medos, mas também a felicidade quando falavam das conquistas alcançadas e dos sonhos ainda não realizados.

Das oito participantes da pesquisa, seis nasceram em Jequié, uma em Ubatã e uma em Itagi, cidades do interior baiano. Todas possuem residência em Jequié. Quanto às questões étnico-raciais, duas se declararam brancas, três pretas, duas mestiças e uma parda. Suas idades compreenderam entre 21 a 30 anos. Sobre a religião, três se declararam católicas, uma espírita, uma evangélica, uma agnóstica e duas não tinham religião. Existem no grupo das participantes dois casais: Maslouva e Marcela; Sandra e Daniela. As demais se declararam estar solteiras no momento da pesquisa: Tina, Rafa, Souza e Sakura. Os nomes utilizados nesta pesquisa foram escolhidos pelas participantes.

A condução do grupo focal se deu com base em um roteiro de tópicos relacionados primeiramente com as questões de investigação. Os temas foram abordados por meio de vídeos que, após a exibição, eram problematizados, discutidos e refletidos com base nas vivências e experiências das participantes. No primeiro encontro foi abordado o tema identidade lésbica, no segundo encontro identidade étnica (origem e família) e no terceiro momento abordamos o tema da lesbofobia. Os encontros foram combinados conforme horário e dia pré-estabelecidos.

Após as gravações do grupo focal, as falas foram transcritas de maneira fidedigna. As análises foram feitas com base nos estudos pós-críticos e em autoras que discutem sobre lesbianidades e construções de gênero.

3. LADIES, BOFES E OUTRAS POSSIBILIDADES DE SER LÉSBICA

> Me senti atraída por Marcela pelo jeito dela de se apresentar como Bofe e ela por mim por eu ser e me apresentar como Lady. (MASLOUVA, 25 anos, lésbica, amarela, universitária e trabalha como vendedora).

Utilizada para nomear as mulheres que se relacionam afetiva e/ou sexualmente com outras mulheres, a identidade lésbica é defendida pelo movimento lésbico há várias décadas, diferente das conceituações identitárias como sapatão, sapata, caminhoneira, pesada, machona, mulher-macho dentre outras, lidas historicamente como discriminatórias, significando abjeção e atribuídas pelo(a) outro(a). Por outro lado, movimentos mais recentes consideram essas nomeações, uma forma de ironizar e menosprezar as normas regulatórias que associam atributos masculinos como construto cultural apenas para homens.

Para Ana Maria Brandão (2010), a tensão entre sexualidade e gênero resulta numa significação de produções femininas e masculinas, portanto, binária, representando no imaginário homoerótico social a sexualidade feminina como passiva, relegando a lésbica como mulher masculina, o que não representa as múltiplas performances de gênero das lésbicas.

Simone Brandão Souza (2018) desenvolveu uma pesquisa com mulheres em situação de encarceramento do Complexo Penitenciário da cidade de Feira de Santana, Bahia. Simone asseverou que nas expressões dos atos performativos das pesquisadas, seus corpos falam na tentativa de demonstrar um poder subversivo, afirmando que,

> A despeito desses processos de coerção e opressão por meio de práticas discursivas, o que constatamos na prisão é que os atos performativos das mulheres em situação de encarceramento – que dizem respeito às representações e ao emprego do corpo por elas – são atos subversivos nos quais os corpos falam quando não são autorizados a falar. Portanto, quando elas performatizam e nomeiam identidades como viado, lady, cabra safado, mulher meio homem, entendida, lésbicas, bissexuais, em uma explosão de categorias de gênero ou de sexualidades, tais identidades já estão subvertendo a norma ao (re)existirem, ao se afirmarem em um ato de poder (Souza, 2018, p. 220).

Nesta compreensão das multiplicidades de ser lésbica, no primeiro grupo focal, realizado no dia 06 de outubro de 2018, expus uma questão norteadora: Existem semelhanças e diferenças entre as lésbicas? Quais? Apresento um trecho do diálogo em que as várias possibilidades de ser lésbica aparecem.

> SANDRA: Sim. Caminhoneira, Sapatão.

MARCELA: Primeiro, a diferença entre pessoas mesmo. **A gente é diferente, tem pensamentos diferentes, sente diferente** e segundo como as pessoas se expõem para os outros, diz muito sobre ela, então acho que essa é a principal diferença entre as lésbicas. **Como ela se comporta, se expõe também, como ela transparece a orientação sexual dela.**

SANDRA: **Tem aquelas que também querem chegar e "causar" que é lésbica e já tem outras que chegam com calma**.

MASLOUVA: Por exemplo: **se eu e Marcela chegarmos numa festa como um casamento, você vai me encontrar de vestido, salto e aquela maquiagem, cabelo escovado e aquela coisa toda feminina. E você vai encontrar a Marcela de sapato social, calça social e blazer.**

SANDRA: **Fui convidada para ser madrinha de um casamento da minha prima, eu estava com roupa de madrinha como as outras e a Dani com roupa social de homem. Lembrando que o casamento era evangélico**. Minha prima não tem preconceito com a Dani e sabe que somos um casal que na hora do ensaio, pegou a Dani pra ser o par dela. A Dani me perguntou do jeito de se vestir se incomodava e eu respondi que tinha conhecido ela assim e não ia querer mudar nada.

DANIELA: Apesar de sermos diferentes, porque tem as Ladies e Bofes. **Lady é aquela lésbica que é feminina totalmente no vestir e se comportar e as Bofes vão preferir vestimentas masculinas, cabelos e comportamento masculinizado**.

MASLOUVA: Nunca vi a Marcela vestida com um vestido. Apenas uma vez ela colocou na frente do corpo pra tirar uma foto pra fazer resenha e depois nunca mais. **Você nunca vai ver ela de vestido e salto alto e nunca vai me ver com um estilo de roupa social masculina. Pode até ver, mas será algo inusitado ou naquele dia eu estava muito louca. Até porque a Marcela nunca gostaria de me ver dessa forma e eu não iria querer ver ela de outra forma. A diferença não está apenas no físico visto pelas pessoas de fora, mas pelas pessoas de dentro do relacionamento.** Me senti atraída por Marcela pelo jeito dela de se apresentar como Bofe e ela por mim por eu ser e me apresentar como Lady. Se fossemos diferentes do que somos não iria rolar. Isso implica tanto diferença quanto o preconceito. É mais aceitável ser Lady do que Bofe. **Quando alguém olha pra mim não imagina que sou Lésbica, pelo menos pelo meu estereótipo da forma de me vestir, nunca vão imaginar que me relaciono com mulher, mas é nítido olhar para a Marcela e ver que é Sapatona pelo estereótipo masculinizada, não tem jeito!**

SAKURA: **E acho que as mulheres que se vestem mais "Bofinhos", elas sofrem mais preconceitos,** não só por parte das lésbicas. A forma estereotipada de se mostrar sofre mais preconceito pela sociedade.

DANIELA: **Todo mundo vai dizer essa menina é um menino e pronto, já foi colocada no lugar de discriminação.**

Marcela expõe que as lésbicas são diferentes entre si como quaisquer outras pessoas, todavia, para ela, a forma como as lésbicas se expõem e a maneira como apresentam sua identidade sexual pode ou não evidenciar a lesbianidade. Sandra detalha ao dizer que algumas lésbicas causam mais que outras, ou seja, perturbam as compreensões de ser mulher e lésbica.

Maslouva discorre sobre como ela e sua namorada Marcela se apresentam em uma festa dizendo que enquanto ela irá de vestido, salto, maquiagem e cabelo escovado, Marcela estará de blazer, calça social e sapato. Sandra diz o mesmo em relação a ela e sua namorada Daniela, contando inclusive sobre as vestimentas delas no casamento da prima.

Voltando aos trechos do primeiro grupo focal, Daniela explica sobre as lésbicas ladies e bofes. As primeiras apresentam performances femininas por gostarem de vestidos e saltos, como também maquiagem e objetos que constroem o que se entende, de forma padronizada, por feminilidade. Enquanto as bofes apresentam performances masculinizadas, vestindo-se com roupas e elementos considerados masculinos, como calças, sapatos sem salto, camisas e ternos.

Soares (2016, p. 49) elucida que “as identidades são construídas com base em significados social e historicamente disponíveis, e as novas gerações podem performatizar novas identidades e possibilidades para a ação”.

As participantes da pesquisa, especialmente Maslouva e Sakura, ressaltam que ser uma lésbica lady é mais aceitável pela sociedade do que uma bofe, já que a lady está em conformidade com o alinhamento sexo-gênero-sexualidade, com a compreensão de mulher e de feminilidade pensada e construída em nossa sociedade, sendo lida dessa forma como heterossexual.

Os mecanismos de regulação são potentes na manutenção compulsória da cisgeneridade e heterossexualidade, exigindo o uso de elementos que enquadrem os corpos conforme a perspectiva cisheteronormativa. Com base em Vergueiro e Guzmán (2014) e Nogueira e Colling (2015), compreendemos a cisheteronormatividade como um dispositivo regulador que entende a cisgeneridade e a heterossexualidade como expressões naturais e legítimas de gênero e de sexualidade, dessa maneira, as pessoas que fogem a essas expressões são questionadas de diferentes maneiras.

A cisheteronormatividade exige, no caso de Daniela e Marcela, que elas sejam femininas, mesmo sendo lésbicas. Isso acontece porque quando a lésbica é masculinizada, ela está contestando a heterossexualidade e o padrão feminino do ser mulher, por isso que as

lésbicas masculinizadas são mais reguladas e violentadas. A violência não é apenas fisicamente, mas simbólica e psicologicamente.

Neste contexto, Suely Aldir Messeder e Ana Gabriela Pio Pereira (2013) atesta as produções dissidentes de gênero vinculada a cisheteronormatividade, alegando que: "prescreve e normatiza os atos performativos que se encerram em corpos sexuados masculinos e femininos", modelo rígido construído de acordo com a heterossexualidade compulsória.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos admitir que a performatividade de gênero expressa a diversidade das sexualidades, incluindo nas várias formas de ser lésbica, contestando as produções femininas e masculinas engessadas no paradigma heterossexual. Por isso é interessante tencionar a universalização do ser lésbica, pois a generalização classificatória da identidade lésbica pode excluir outras formas e possibilidades de se pensar e se produzir enquanto tal. Logo, a identidade de gênero não define os desejos afetivos e sexuais de uma pessoa. Ser lésbica não significa deixar de ser mulher tornando-se homem, embora existam lésbicas que se compreendem como masculinas. As lésbicas performatizam o gênero de diversas maneiras, inclusive transitando nessa construção binária de ser mulher e ser homem.

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Ana Maria. Da sodomita à lésbica: o gênero nas representações do homoerotismo feminino. **Análise Social**, Lisboa: Instituto de Ciências Sociais, v. 45, n. 195, p. 307-327, 2010.

LERVOLINO, Solange Abrocesi; PELICIONI, Maria Cecília Focesi. A utilização do Grupo Focal como metodologia qualitativa na promoção da saúde. **Rev. Esc. Enf. USP**, v. 35, n. 2, p. 115-121, jun, 2001.

MESSEDER, Suely Aldir; PEREIRA, Ana Gabriela Pio. O encontro no universo lésbico de Cassandra Rios: desafios, ambiguidades e tensões nos atos performativos masculinizados em "mulheres lésbicas". **Via Atlântica**, São Paulo, v. 14, n. 2, p. 241-256, 2013.

MEYER, Dagmar Estermann; SOARES, Rosângela de Fátima. Modos de ver e se movimentar pelos "caminhos" da pesquisa pós-estruturalista em Educação: o que podemos aprender com – e a partir de – um filme. *In:* COSTA, Marisa Vorraber; BUJES, Maria Isabel Edelweiss (orgs.). **Caminhos Investigativos III**: riscos e possibilidades de pesquisar nas fronteiras. Rio de Janeiro: DP&A, 2005, p. 23-44.

NOGUEIRA, Gilmaro; COLLING, Leandro. Homofobia, heterossexismo, heterossexualidade compulsória, heteronormatividade. *In*: COLLING, Ana Maria; TEDESCHI, Losandro Antônio (orgs.). **Dicionário crítico de gênero**. Dourados, MS: Ed. UFGD, 2015, p. 390-395.

RICH, Adrienne. Heterossexualidade compulsória e existência lésbica. Tradução de Carlos Guilherme do Valle**. Revista Bagoas**, n. 5, p. 17-44, 2010.

SOARES, Gilberta Santos. **Sapatos têm sexo? Metáforas de gênero em lésbicas de baixa renda, negras, no nordeste do Brasil**. 2014. Tese (Doutorado em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismos) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador. 2016.

SOUZA, Maria Cristina Nascimento de; SOUZA, Marcos Lopes de. "Queremos mostrar pra todo mundo que não somos aberrações": os investimentos, desfrutes e limitações no uso do grupo focal como procedimento metodológico. *In:* FERNANDES, Alexandre de Oliveira; SOUZA, Marcos Lopes de; PEROVANO FILHO, Natalino (orgs.). **Metodologias contracoloniais em relações étnicas, raciais e de gênero**. Curitiba: Appris, 2023, p. 39-59.

SOUZA, Simone Brandão. **Lésbicas, entendidas, mulheres viados, ladies:** as várias identidades sexuais e de gênero que reiteram e subvertem a heteronorma em uma unidade prisional feminina da Bahia. 2018. Tese (Doutorado em Cultura e Sociedade) - Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Milton Santos, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2018.

TURCOTTE, Louise. Prólogo: un cambio de perspectiva. *In:* WITTIG, Monique. **El pensamiento heterosexual y otros ensayos**. Barcelona: Egales, 2006, p. 09-14.

VERGUEIRO, Viviane; GUZMÁN, Boris Ramírez. Colonialidade e cis-normatividade: conversando com Viviane Vergueiro. **Iberoamérica Social: revista-red de estudios sociales**, v. 2, n. 3, p. 15-21, 2014.